

# O DISPOSITIVO DA CAPOEIRA NA CLÍNICA DA PSICOSE EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS II)

*Capoeira as a clinical device with psychotic patients in a psychosocial care center typ II (CAPS II)*

Antônio Carlos Nunes de Carvalho Júnior<sup>1</sup>

Deise Matos do Amparo<sup>2</sup>

---

Artigo encaminhado:21/06/2021

Artigo aceito para publicação:21/02/2022

## RESUMO

Esta pesquisa tem como tema os processos de simbolização primária em pacientes psicóticos. O objetivo principal consiste em examinar a mediação terapêutica na clínica da psicose por meio da oficina de capoeira, em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II). A tese desenvolvida neste trabalho é que a mediação proporcionada pelo dispositivo da capoeira é um facilitador dos processos de simbolização primária em psicóticos por permitir uma reativação do ritmo e das experiências sensoriais primárias bem como a inclusão em rituais da cultura. Utilizou-se o método clínico de pesquisa e o trabalho de campo foi sistematizado por meio do diário de campo do pesquisador e de auxiliares de pesquisa de um projeto de extensão da Universidade de Brasília (UnB). Conclui-se que a capoeira enquanto dispositivo de mediação na clínica do CAPS proporciona três campos fundamentais que auxiliam nos processos de simbolização primária em psicóticos: o campo relacionado à criatividade, ao movimento e ao ritmo; que estão ligados a um ambiente e a um enquadre no qual é possível o brincar e as experiências lúdicas; e o campo da organização grupal e dos rituais, que remetem ao Édipo e à construção de representações e fantasias.

---

<sup>1</sup> Psicólogo da Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES/DF), lotado no Centro de Atenção Psicossocial do Paranoá (CAPS II), Doutor em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília (UNB). [antonio.nunes@unb.br](mailto:antonio.nunes@unb.br)

<sup>2</sup> Professora Associado I, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília (UNB). [deise.matos@unb.br](mailto:deise.matos@unb.br)

**Palavras-chave:** Clínica da Psicose. Simbolização. CAPS. Capoeira. Território.

## **ABSTRACT**

This research studies the process of primary symbolization in psychotic patients. The main purpose of this work is to examine the impacts of therapeutic mediation in the clinic of psychosis through the analyses of the therapeutic activity of capoeira in a Psychosocial Care Center (CAPS II). We discuss the thesis that the therapeutic mediation promoted by the use of capoeira as a clinical tool enables the processes of primary symbolization in psychotic individuals. The clinical method of research was used. Data was extracted from this therapeutic activity through the use of field diaries (by the researcher and research auxiliaries from an extension project of the University of Brasilia - UnB). We conclude that the use of capoeira as a tool of mediation in the clinical work of the CAPS promotes aspects that facilitate the primary symbolization processes with psychotic individuals. These aspects can be grouped in three fundamental fields relating to: creativity, movement and rhythm; environment and settings that hold and promote play and a playful experience through games, group dynamics and the roda of capoeira; the organization of the group and the rituals, which relate to the Oedipal Complex and the construction of representations and fantasies.

**Keywords:** Clinic of psychosis. Symbolization. CAPS. Capoeira. Territory

O remédio me deixava duro demais, já a capoeira amolece e o corpo fala através da capoeira. Ajuda a minha mente porque eu tinha dificuldade de dançar e a capoeira é uma dança. Na capoeira a gente pode cantar, falar, que é a mesma coisa que ler um texto em voz alta. Mas falar de corpo inteiro, um estudo de corpo inteiro (Orun, em entrevista ao jornal do UNICEUB, 2018).

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo traz reflexões sobre os processos de simbolização primária em pacientes psicóticos que participaram regularmente de uma oficina de capoeira, em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II). O trabalho com a capoeira nesse CAPS tem sido realizado há quase uma década, mas foi sistematizado nos últimos anos por meio de registro de diário de campo do

pesquisador com auxiliares de pesquisa do projeto de extensão "Intervenção Psicossocial no contexto da saúde mental" da Universidade de Brasília (UnB). A capoeira se mostrou um importante dispositivo de mediação simbólica na clínica da psicose, pela possibilidade de trabalho por meio do lúdico, da musicalidade, da movimentação e da continência na roda de capoeira.

As oficinas eram realizadas semanalmente no salão da administração do Paranoá e também eram abertas para participantes da comunidade. Durante esse percurso tivemos a participação de diversos usuários do CAPS, estudantes da Universidade de Brasília (UNB), bem como de pessoas da comunidade. Alguns participantes se mantiveram nas atividades por vários anos e outros passaram brevemente pela experiência. Por meio da condução e observação das oficinas percebemos que a mediação pela capoeira apresentou peculiaridades que são mais abrangentes do que um simples trabalho de mediação corporal. A capoeira enquanto dispositivo de mediação na clínica do CAPS proporciona três campos fundamentais que auxiliam nos processos de simbolização primária em psicóticos: primeiramente, o campo relacionado à criatividade, ao movimento e ao ritmo; entretanto, estes estão ligados a um outro campo, o ambiente e um enquadre nos quais são possíveis o brincar e as experiências lúdicas, por meio dos jogos, das dinâmicas e da roda (segundo campo); e o terceiro campo diz respeito à organização grupal e aos rituais, que remetem ao Édipo e à construção de representações e fantasias.

## **2 PSICOSE E SIMBOLIZAÇÃO PRIMÁRIA**

As psicoses são abordadas no campo da fenomenologia em constante relação com a noção de *pathos*, que segundo Schotte (1984-1985) está relacionado com a experiência sensível e embasa a atividade representativa. É nesse encontro primariamente corporal, que o objeto se apresenta e se constitui no psiquismo. No sofrimento humano o aspecto *páthico* da existência se evidencia (MINKOWSKI, 2000) sendo um campo que se encontra gravemente alterado no psicótico (OURY, 2000).

Minkowski (1927/1997) elucida o comprometimento no campo *páthico* do psicótico ao discorrer sobre a "perda do contato vital" com a realidade. O desequilíbrio profundo nesse dinamismo compromete o envelopamento e a

constituição do meio para o sujeito. Os principais sintomas são comprometimentos em relação ao sentir e o existir, especialmente no que tange ao corpo e ao lugar que ocupa. Desse modo, há uma falha na afirmação do Eu e na orientação espaço-temporal (MINKOWSKI, 1997).

Jean Oury (2000) localiza de uma forma mais específica o comprometimento do psicótico como um distúrbio do ritmo, domínio do *pré-páthico*. São questões anteriores aos processos de representação, intenção e percepção. O ritmo está na base do *páthico* e diz respeito ao processo de “colocar em forma” (*Gestaltung*) (OURY, 2003). Segundo Maldiney (1973), o ritmo é o garantidor da noção de realidade do mundo por meio da comunicação que o sentir estabelece.

Na psicose, existem falhas no campo da simbolização primária, que dizem respeito à organização da sensorialidade em representações imagéticas (ROUSSILLON, 2014a, 2014b). As experiências precoces que compõem a “parte psicótica da personalidade” (BLEGER, 1967) demandam trabalhos de transformação e apropriação subjetiva (ROUSSILLON, 2014a, 2014b). A “matéria primeira” é sincrética e complexa, por serem pré-verbais, se faz necessário mediações e dispositivos adequados que evitem a dispersão transferencial e auxiliem no resgate da criatividade e da comunicação.

Segundo Freud (1900) o caráter de um sujeito baseia-se nos traços mnêmicos de suas impressões, em especial da primeira infância, e conservam até idade avançada o caráter de vividez sensorial (FREUD, 1900). A teoria dos traços parte da necessidade de se pensar vestígios de memória não organizadas em imagens, constantemente referidas à sensorialidade (BALESTRIÈRE, 2003). As experiências precoces ocorrem antes do surgimento da linguagem verbal e por isso são inscritas na linguagem do corpo, do afeto e do jogo da sensório-motricidade, os quais são bastante demandados na clínica das psicoses (BRUN, 2014b). Diversos autores (BLEGER, 1967, AULAGNIER, 1986, ANZIEU, 1987) posteriores a Freud organizaram sistemas teóricos que contemplam as experiências primitivas não simbolizadas.

O sofrimento psíquico advém da não apropriação da história e da experiência subjetiva, que deixa traços interiores, simbolizados ou não (ROUSSILLON, 2014a, 2014b). As experiências primeiras são submissas ao trabalho de compulsão à integração, a qual se efetua por metabolização de sua

forma em uma forma simbólica (ROUSSILLON, 2012b). O trabalho com dispositivos de mediação buscam a adequação às capacidades de simbolização dos pacientes, ao que possibilite a subjetivação, em vista das distintas formas de sofrimento psíquico (ROUSSILLON, 2014a, BRUN, 2014b).

Segundo Oury (1983), na psicose há uma dispersão dos investimentos (consequências do processo de cisão) que acarretam em demandas errantes e formação de *estases* que dificultam a circulação entre os discursos. Nesse sentido, a eficácia no tratamento reside em facilitar a passagem entre diferentes sistemas, lugares e pessoas com vista à fixação da multireferencialidade transferencial. Balestrière (2003) destaca que no trabalho terapêutico com psicóticos podem emergir angústias relacionadas à perda da identidade, do fusionamento e da confusão, que, segundo o autor, são os maiores obstáculos para a terapia.

Para além da questão da sensorialidade, as perspectivas psicanalíticas apontam a fragilidade na constituição do Eu como a base da problemática da psicose. Freud (1924) afirma que o delírio é uma tentativa de reconstrução e de cura diante do despedaçamento radical do Eu.

Outra questão fundamental no estudo da psicose diz respeito às relações entre a estruturação edípica e a atividade representativa. Martins (1995) descreve que as fantasias inconscientes no desencadeamento das psicoses trazem a questão do Édipo como “prova de linhagem”, o que seria vivido enquanto realidade na consciência e não como fantasia inconsciente, como na neurose.

Segundo Jaques (1955, p. 304), os sintomas psicóticos comparecem especialmente nas pessoas “que não desenvolveram sua capacidade de utilizar os dispositivos de filiação a grupos sociais para evitar a ansiedade psicótica”, uma vez que os indivíduos utilizam as instituições a que são vinculados para fortalecer dispositivos de defesa contra essas ansiedades primárias.

### **3 OS DISPOSITIVOS DOS CAPS NA CLÍNICA DA PSICOSE**

Os CAPS são serviços abertos e comunitários que se caracterizam como locais de referência e tratamento para pessoas com sofrimentos psíquicos graves (BRASIL, 2002). É essencial a compreensão do CAPS como um modo

de operar o cuidado, e não como um mero estabelecimento de saúde (LEAL; DELGADO, 2007).

O cuidado no âmbito dos CAPS se sustenta por um tripé cuja base é a rede, a clínica e o cotidiano do serviço. Tal cuidado, parte do que se denomina de clínica ampliada, é fruto da relação do serviço com a comunidade (LEAL; DELGADO, 2007). Os CAPS se inserem no movimento antimanicomial, em prol da construção da cidadania e não se resumem apenas à clínica, mas à circulação das indagações e impasses suscitados pelo convívio com a “loucura” na sociedade.

No cotidiano institucional existem diversas frentes de cuidado que compõem os serviços. Os grupos e as oficinas são dispositivos fundamentais que auxiliam no trabalho de organização e recriação do cotidiano. Para além do trabalho de convivência e mediações terapêuticas, atuam também na reinserção social, resgate da cidadania e reabilitação psicossocial promovendo a inscrição da loucura na sociedade e na cultura (GUERRA, 2004).

No que tange à clínica da psicose, as oficinas e dispositivos diversos oferecem pontos de ancoragem e referências que auxiliam nos processos de que possibilitam circunscrever a existência. Nesse sentido, a instituição como um todo é o dispositivo capaz de acolher e sustentar possibilidades expressivas inapreensíveis no âmbito dos dispositivos tradicionais, em vista da precariedade na psicose da mediação simbólica pela palavra: “É preciso reagrupar os pedaços daqueles que perderam a sua unidade, que estão à deriva” (TENÓRIO, 2001, p. 53).

O trabalho de continência em um CAPS facilita a expressão dos pacientes, no entanto, o cotidiano com pessoas com funcionamentos psicóticos demanda acolhimento sensível, presença implicada e promoção dos processos criativos. Para tanto, é primordial a manutenção de um enquadre (em que as bordas e os limites evitem as angústias excessivas por conta da dispersão), bem como uma maleabilidade desse ambiente, uma flexibilidade que proporcione e assegure o vínculo e a confiança. Dentre as possibilidades do sofrimento psíquico grave, o psicótico é o que mais exige as funções de estabilidade e confiança propiciadas pelo *holding*, pois foi algo que falhou em suas experiências primitivas (WINNICOTT, 1954-1955).

Segundo Lancetti (1993, p. 158), o trabalho de continência por meio dos dispositivos grupais é essencial na clínica com psicóticos, pois “estar louco com os outros” cumpre importante função continente e terapêutica, em vista dos processos de ressignificações proporcionados pelo trabalho coletivo que não são alcançados nas consultas individuais. Entretanto, tais dispositivos demandam do coordenador conhecimentos de múltiplos recursos e habilidades em compartilhar com os participantes para evitar a concentração afetiva, transferencial e conseguir manejar as ameaças constantes de desintegração desses grupos. Nesse contexto, Vitta (2008) enfatiza que o coordenador deve ser presença constante, atento e que a terapêutica versa acerca de um trabalho pela identificação e estímulo à criação de laços sociais.

Na relação de cuidado com pessoas em sofrimento psíquico grave, a escuta sensível (FERENCZI, 1933/2011) e a “adaptação ativa do cuidador” (WINNICOTT, 1952) estão na base da construção de um “meio maleável”, que representa as condições do ambiente humano facilitadoras do processo de simbolização. As suas propriedades são: indestrutibilidade, extrema sensibilidade, transformação indefinida, disponibilidade incondicional e animação própria (ROUSSILLON, 2015). Para tanto, é necessário um “enquadre sob medida”, onde exista a criação conjunta, pois é dentro de um enquadre aceitável que os processos transferenciais acham condições favoráveis de simbolização (ROUSSILLON, 1995, 2014).

O ritmo e a música como campo de mediação é bastante utilizado em tratamentos com pessoas em sofrimento psíquico grave. Para Lecourt (2014), o trabalho com a mediação terapêutica pela música advém do prazer musical que acompanha a expressão em grupo, bem como pela configuração de um espaço importante de continência e de jogo (brincar). As múltiplas formas da estrutura musical, que exprimem a grupalidade psíquica interna, podem remeter às experiências precoces na família (grupo vocal familiar), proporcionando aberturas e acessos aos elementos arcaicos do desenvolvimento. Nesse sentido, a música fornece um espaço transicional e a função de mediação, como em outras práticas, é alcançada pelo terapeuta, pelo tempo da verbalização e pelo grupo.

As mediações corporais são pertinentes especialmente com pessoas onde há uma perturbação intensa do “Eu-corpo” e/ou “Eu-ideal”, em função das

falhas na introdução dos processos de identificação primária. Nesses sujeitos, a textura narcísica não é suficientemente desenvolvida apresentando dificuldades na corporeidade e na capacidade do pensamento plástico e figurativo. O uso das mediações corporais constituem suportes de escoramentos das pulsões sexuais sobre as funções corporais via a simbolização do corpo e da linguagem. É um trabalho de criação de representação, que visa o acesso ao ser-corpo, e à poética do corpo (ALLOUCH, 2014).

#### **4 A CAPOEIRA COMO DISPOSITIVO DE JOGO E SIMBOLIZAÇÃO**

Segundo Rego (1968), a capoeira, em seus primórdios, era um folguedo, como muitos outros inventados pelos negros para o divertimento, mas usada como luta quando fosse necessário. O entendimento da capoeira como um “jogo de liberdade” (OLIVEIRA, 2015) é amplamente difundida, explorada e condizente com a ideia de um “folguedo guerreiro”. Uma tese interessante é aportada por Barbosa (1994), que defende que a capoeira nasce da ginga da cultura ancestral africana, assim como outras manifestações culturais. Em um sentido que abrangeria mais as diversas etnias que vieram para o Brasil colônia, mestre Nestor Capoeira (PASSOS NETO, 1999) diz que “a capoeira corresponderia à síntese das instituições negras aniquiladas pela colonização portuguesa”.

A prática da capoeira é indissociável da música, mesmo que em alguns grupos existam treinos que não a utilizam. Não há separação conceitual entre música e movimento, na capoeira (BERTISSOLO, 2012). Os jogos podem versar no artístico, agressivo ou mesmo violento, muitas vezes em resposta às mudanças no ritmo produzido pelo berimbau (DOWNEY, 2002). Os jogadores são especialmente vivos para essa experiência tátil da textura acústica do berimbau. Para o autor, o aprendizado na capoeira ocorre muito pela via da “escuta corporal”.

Cada tipo de toque demanda uma forma de se jogar, com regras próprias, mas também suscitam sentimentos e reações variadas. Zonzon (2014) destaca que na experiência acústica da roda as fronteiras entre jogador, tocador e observador vão se desfazendo, pois todos participam da mesma afinação e tonalidade emocional. Muniz Sodré (2014) compreende que o ritmo (na cultura

africana) é um rito suscetível de realimentar a potência existencial do grupo pela força impelente e sacra da alegria, pois promove uma afinação com o mundo e com o presente.

A maneira tradicional do ensino da capoeira ocorria em lugares informais (rua, quitanda, botequim) caracterizados como locais de socialização das comunidades. O mestre estimulava o interesse do mais novo a partir de uma situação real (ABIB, 2008). Mestre Moraes nos lembra da proximidade social, comunitária e afetiva entre o mestre e o aprendiz, fundamental na “pedagogia do africano”, onde o corpo cumpre uma função de acolhimento. “Ele toca o aluno para passar o sentimento...ele não toca unicamente para consertar o movimento...ele passa muito mais a vontade de ver o aluno aprendendo, do que ensinar o movimento correto” (ABIB, 2008, p. 129).

Segundo mestre Falcão, o jogo da capoeira pode contribuir para uma significativa materialização da ludicidade dada as suas características históricas, filosóficas e ritualísticas, pois a capoeira se constituiu historicamente em uma aventura lúdica por excelência, desde o seu surgimento (FALCÃO, 2002). Em uma roda de capoeira em que o lúdico prevalece, há espaço para liberdade e criação, caracterizando-se como uma atividade descomprometida e sem objetivos práticos imediatos, em contraste com as sociedades produtivas contemporâneas (FALCÃO, 2002). Lembremos que para Winnicott (1975/s.d.) o brincar, que está relacionado diretamente à experiência criativa, é uma via privilegiada para o imaginário. “A capoeira pode se localizar entre a cultura e o brincar compartilhado” (PERES, 1999, p. 86).

A capoeira é organizada em grupamentos em torno de mestres que promovem direcionamentos nos caminhos litúrgicos da mandinga. A instituição de “novos capoeiristas” é realizada nos rituais, por meio das significações e reconhecimento da comunidade. Segundo Enriquez (1991), em uma instituição teremos sistemas culturais que compõem os valores, as normas, os pensamentos, os comportamentos, o modo de viver, a formação e a socialização dos diferentes atores, ou seja, existe um ideal que é proposto. Podemos dizer que, no universo da capoeira, o mestre cumpre a função desse ideal a ser incorporado.

Por meio do ritual, onde a presença corporal é fundamental, a iniciação do capoeirista passa pelo estabelecimento de ligações com os antepassados. A

iniciação é um processo complexo de entrada do indivíduo no ciclo de trocas simbólicas (SODRÉ, 1988). O ritual da roda de capoeira, segundo mestra Janja, evidencia o caráter profundamente comunitário do aprendizado na capoeira, onde a oralidade é fundamental (ARAÚJO, 2004; MACHADO e ARAÚJO, 2015).

## 5 MÉTODO

O presente estudo utilizou o registro etnográfico das atividades de campo tanto para análise do grupo, como para o desenvolvimento do estudo de caso de um dos participantes da oficina de capoeira.

O pesquisador, nessa perspectiva metodológica, é um instrumento que abre mão dos seus conhecimentos e experiência no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado (TURATO, 2000). Desse modo, o observador “ao examinar a vida dos demais, se acha diretamente implicada a revisão e o exame de sua própria vida, de sua personalidade, conflitos e frustrações” (BLEGER, 1989, p. 26).

As oficinas eram realizadas semanalmente no salão da administração do CAPS e incluíam usuários do CAPS, estudantes e pessoas da comunidade. Os encontros abrangeram trabalhos de musicalidade, ginga, movimentos de capoeira, rituais, jogos, roda, história da capoeira, samba de roda, maculelê e técnicas de consciência corporal. Logo após a oficina fazíamos uma conversa com todo o grupo para que as pessoas falassem sobre a experiência e para organizarmos os próximos encontros.

O período analisado foi entre 2016 e 2019. Nesse percurso também foram realizadas algumas apresentações e um batizado de capoeira, onde todos receberam a corda de iniciação.

Os registros em diário de campo contemplaram os comportamentos, falas e reações diversas do grupo e de alguns participantes, principalmente os psicóticos. Também foram registradas as conversas com os estagiários, com foco em suas percepções sobre a oficina, suas angústias e reações diversas. O diário de campo foi utilizado ainda para descrever as angústias e percepções do pesquisador. Os registros foram realizados imediatamente após as atividades, ou após alguns dias. Desse modo, em um primeiro momento, eram

descritas as impressões mais livres e, posteriormente, aquilo que se elaborava a partir do material primeiro.

O presente artigo faz parte do projeto "Dispositivos artísticos e culturais no CAPS II: cuidado, simbolização e mediação", aprovado no comitê de ética do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília em 22/02/2017 (Parecer nº 1.943.275), CAAE 61350016.4.0000.5540.

## **6 A CAPOEIRA E O TRABALHO DE INTEGRAÇÃO SUBJETIVA COM PSICÓTICOS**

A capoeira enquanto mediadora na clínica da psicose é um dispositivo multidimensional na produção de representações a partir da “matéria primeira”. O trabalho com ritmos traz diferentes afetos, movimentos e conexões. No balanço da ginga, entre ir e vir, ocorre a abertura de importantes espaços transicionais que se fortalecem por meio do movimento e do prazer corporal que o acompanha. A comunicação não verbal ganha novas possibilidades que emergem em tempos distintos (CARVALHO JÚNIOR, 2019).

O desenvolvimento no jogo de capoeira engloba a capacidade de ver e de “se ver” na interação com o outro. Esse campo se apresentou falho em alguns pacientes, em virtude de um “ensimesmamento”, ou “inflação do Eu” que prejudica o contato e as relações objetais. Havia uma confusão na dialética entre participar e se distanciar, o que demandou um trabalho nesse sentido. Outros pacientes apresentaram a cisão mais relacionada ao campo do ouvir e de “se ouvir”. Os aspectos multidimensionais presentes no jogo da capoeira permitiram ganhos relacionados à integração dos sentidos nesses pacientes (CARVALHO JÚNIOR, 2019).

O dispositivo da capoeira traz muitos elementos da história brasileira promovendo aproximações e identificações. A sensação de pertencimento e de reconhecimento pode advir por meio das cantigas e pelo “brincar”, que traz continência para o grupo diante das crises e da dispersão transferencial. O senso de humor auxilia nesse campo sendo constantemente valorizado no jogo da capoeira (CARVALHO JÚNIOR, 2019).

Alguns pacientes que apresentavam graves confusões na sensação de “existirem como pessoa” puderam comunicar, o que não comparecia no campo verbal. Por meio da expressão do corpo puderam experimentar processos

integrativos e se sentirem “reais” pela primeira vez, bem como serem reconhecidos como pessoas (CARVALHO JÚNIOR, 2019).

Os pacientes que utilizam o CAPS, especialmente os psicóticos, são pessoas que há muitos anos deixaram de participar dos rituais da vida comum. O processo patológico aliado ao isolamento social e aos diversos preconceitos dificultam a participação nesses marcadores socioculturais que trazem referências ao sujeito. O batizado de capoeira foi um importante marco para o grupo trazendo novas configurações transferenciais que impulsionaram o trabalho de participação social, integração com a comunidade e resgate da cidadania (CARVALHO JÚNIOR, 2019).

## **7 CASO ORUM: RITMO E FORMAS POR MEIO DA CAPOEIRA**

O caso que relataremos a seguir é de um paciente que frequentava a oficina de capoeira desde o início e acompanhava as atividades regularmente, com investimento, o que é um contraponto aos diversos âmbitos de sua vida caracterizada por inúmeros desinvestimentos e desorganizações. Ele caminhava constantemente entre a vida e a morte e, especialmente nas épocas críticas, discorria enfaticamente sobre o mundo espiritual. Desse modo o chamaremos de Orun, que na mitologia Yorubá significa o mundo espiritual (BENISTE, 1997).

Orun foi acolhido no CAPS em 2013 apresentando alterações no comportamento. Estava há vários dias sem dormir, manifestava afeto incongruente, intolerância às frustrações, pensamentos delirantes, falava sozinho, inquieto, com isolamento social, crítica prejudicada e autorreferencia excessiva. Achava que Deus não se importava com ele e nomeava o seu problema de “paranoia sobrenatural”. No processo de acolhimento escreveu que tinha “habilidade de criar leis”.

Apresentava discurso persecutório e “superelaborado”, ou excêntrico. Dizia que “sentia vergonha de como era visto”. Também demonstrou interesse por trabalhos de “expressão corporal” e de dança, para “melhorar o ânimo e a sensação de segurança” consigo mesmo. Desde então, o seu acompanhamento no CAPS foi marcado por oscilações entre períodos de estabilização dos sintomas e crises com sintomas psicóticos graves e tentativas de suicídio. Dizia que a sua “vida era um desastre” e comumente

apresentava discurso com temas religiosos acompanhados de tristeza profunda, onde dizia que “demônios” o atormentavam.

Comumente dizia que “desistiu da humanidade”, mas também que “queria dominar o mundo”. No entanto, falar de si mesmo aumentava a sua angústia, caracterizada por dilemas da ordem moral. A sua participação inicial na oficina de capoeira ocorreu em um momento de maior isolamento social. Nesse período ele permanecia apenas em alguns momentos da atividade, pois dizia que estava confuso, com pouca energia e pedia para dar uma volta, o que se modificou ao longo do percurso.

Os dados que apresentaremos serão observações de campo decorrentes especialmente do período do batizado de capoeira que fizemos no CAPS. Serão abordados alguns momentos da oficina, bem como intervenções individuais, para discutir alguns aspectos relativos à da simbolização primária.

### **Ritmo e percepção: “a capoeira amolece e o corpo fala através da capoeira”**

A discussão sobre o caso Orun será iniciada pelo ritmo, pois é o que se apresenta primeiro na comunicação com o mundo (MALDINEY, 1973). Dentre os participantes da oficina, ele era um dos que mais se interessava pela musicalidade e foi o primeiro a conseguir tocar o pandeiro no ritmo que executávamos. Porém, o seu interesse pelos ritmos não mudou o fato haver uma desarmonia, ou descompasso perceptivo, pois mesmo quando estávamos “em ritmo de São Bento Grande” (toque mais rápido), a sua movimentação era lenta e com muitas pausas.

Em uma das conversas que tivemos durante a oficina ele identificou que executava alguns movimentos pensando que estava “na cadência do ritmo” e apenas percebeu a diferença quando eu a pontuei para ele. Relatou então que pensava estar se movimentando de maneira bastante veloz, mas que não condizia com a realidade. Havia uma cisão entre o que pensava e o seu mover-se. Ele então riu de si mesmo, ao perceber tal diferença, se apropriando da experiência por meio do “senso de humor”, que caracteriza o brincar (WINNICOTT, 1975), em contraste com um modo de estar no mundo, marcado por um corpo que não é habitado (MOREIRA e BORIS, 2006), desconectado de si mesmo ao se encontrar constantemente em um mundo virtual, que ele

chamava de “matrix”. A percepção de Orun acerca da própria desarmonia (MINKOWSKI, 1927) entre o seu sentir, mover e pensar, caracteriza-se como apropriação subjetiva, onde há uma integração dos sentidos pelo jogo da capoeira. Naquele instante, por meio do riso, ele se apropriou do seu “estilo” (ZONZON, 2014).

Em um dos encontros ele relacionou a maneira como sentia o ritmo, o comparando com uma marionete, que se movia por meio dos fios condutores, como se fossem as marcações. Nesse dia, ele propôs que “brincássemos assim”, como se fôssemos marionetes. Sentir o ritmo como uma marionete é uma interessante metáfora para pensarmos essa vivência do psicótico, que apresenta primeiramente um “distúrbio do ritmo” (OURY, 2000) e que constantemente age como se houvesse a intervenção de um terceiro (MINKOWSKI, 1968/2000). Mas a sua percepção e elaboração sobre a sua experiência demonstrava também uma apropriação desse movimento.

### **O “jogo do toque” e o corpo que se desfaz: “Ô lá, ô lá, vou bater quero ver cá!”**

Comumente, Orun me pedia para que fizéssemos jogos para “despertar o corpo”, pois se encontrava muito “travado” e isso o ajudava a estar mais presente. Ele dizia que o remédio o deixava duro demais e que na capoeira conseguia “falar de corpo inteiro”. A ideia de “corpo inteiro” é bem pertinente para alguém que encontra-se fragmentado, com o corpo enrijecido na cadeira de um computador, como ele disse nessa entrevista (UNICEUB, 2018).

Em um dos nossos encontros, o paciente propôs um jogo durante a roda que realizávamos. Ele estava mais impetuoso, enfático e irônico nesse dia. O jogo que ele propôs (dentre outros semelhantes) era o seguinte: eu jogaria com outra pessoa e quando um acertasse ou tivesse contato com alguma parte do corpo do outro, este não poderia mais utilizar aquela parte de si mesmo e assim sucessivamente, até que não se pudesse mais jogar, pois o corpo inteiro estaria inutilizável, despedaçado. É um tipo de jogo comum com crianças que iniciam a capacidade de simbolização, no qual o pensamento mágico se faz presente, e onde elas também expressam os seus impulsos destrutivos por meio da brincadeira. O pensamento mágico é característico dos processos primários (FREUD, 1911).

O jogo proposto por Orun era uma tentativa de brincar com o corpo, onde este vai se desintegrando. É um jeito que ele encontrou de lidar com angústias de despedaçamento e fragmentação corporal, que compareceu no jogo da capoeira, bem como lidar com a sua agressividade. No entanto, diferentemente de outras situações em que somente havia angústia sem forma e sem imagens, ele pôde jogar com essa possibilidade em um processo onde ele se apropria da atividade por meio do ritmo e do movimento e cria uma forma diferente de se jogar a capoeira. Algo muito primitivo surge e organiza uma estrutura enquadrante, corporal e um Eu primário. Esse colocar em forma pelo movimento e pelo jogo de corpo possibilita o surgimento e organização de fantasias posteriormente.

### **A roda como continente para o “caos infinito”: “laiá, acende o candeeiro, laiá”**

Durante o período da oficina de capoeira, a roda esteve em um lugar privilegiado, nos auxiliando nos momentos mais críticos. O trabalho de continência promovido pela roda de capoeira, em uma crise psicótica grave, ficou evidente na seguinte passagem.

Orun chegou pontualmente à oficina e logo disse que não estava bem, que faria apenas o básico do dia e ficaria mais quieto. Fez algumas falas sobre o “fim do mundo”, que estava com muito medo, mas também falou que estava com uma forma que “parecia uma menininha” e não queria passar isso para as pessoas. Tais verbalizações já denotavam uma desestruturação interna, onde uma sintomatologia psicótica grave já se instalava. Logo no início ele questionou: “porquê tenho que fazer capoeira? Eu preciso tratar das coisas de Deus”.

Posteriormente ele entra na roda e começa a narrar o próprio jogo. Enquanto jogávamos ele manteve uma postura mais ativa e intimidadora comigo e no desenrolar do jogo disse que a minha “capoeira era de playboy”, mas que eu tinha “herança sanguínea”. Em seguida mostrou um pouco da “capoeira raiz” e fez alguns movimentos fora da roda. É importante destacar dois elementos fundamentais que Orun manifestou nesse encontro, relacionados à genealogia e ao dispositivo grupal da capoeira.

A genealogia remete às origens e à questão edípica (MARTINS, 1995) e comparece em sua fala quando diz e nos demonstra a “capoeira raiz dos escravos”, ao mesmo tempo me confronta e enfatiza ser a minha capoeira de “playboy”, mas que eu tinha “herança sanguínea”, pois sabia dançar. Ou seja, eu teria uma linhagem e estaria dentro de uma genealogia. Assim, frente às ansiedades primárias (JAQUES, 1955), Orun cria a capoeira raiz, a única que teria valor. Em meio à dispersão transferencial (OURY, 1983) ele busca em si mesmo as referências originárias, como a reivindicação de uma genealogia, que é a maneira que encontrou de fortalecer os seus mecanismos de defesa por meio da instituição (JAQUES, 1955).

As fantasias que o acometem nesse momento evidenciam as suas ambivalências afetivas e transferenciais. Esse conflito em Orun não é uma atualização transferencial, mas sim uma criação que ocorre nesse contexto da capoeira, o que seria uma inscrição a partir de algo caótico (ROUSSILLON, 2014a, 2014b). A organização da dispersão transferencial é um movimento de simbolização primitiva, onde se trabalha as identificações primárias (ALLOUCH, 2014).

### **Jogo da moeda e da constituição: “Me dá meu dinheiro valentão”**

À medida que a sintomatologia de Orun avançava durante a sua última crise, ele organizava alguns rituais e começou a levar sempre uma moeda que utilizava para jogos, bem como um livro da Constituição da República. De maneira geral, segundo a sua descrição, a moeda estaria relacionada com as referências e a constituição para lembrar-lhe das leis.

Os jogos com a moeda foram explicados por Orun da seguinte maneira: “não teria o corpo feito para a dança e na ausência de ‘herança sanguínea’ precisaria de algumas estratégias”. Elas tinham o sentido (inicial) de proporcionar-lhe referência (sic), saber onde e como deveria colocar o pé para fazer algum movimento de capoeira, enfim, para não atrapalhar-se com o próprio corpo. Na ausência de uma “textura narcísica” suficientemente desenvolvida, que acompanha dificuldades na corporeidade, o trabalho com técnicas corporais (ALLOUCH, 2014) abrem possibilidades para o paciente propor pontos de fixação que evitam a sua dispersão. O objeto escolhido não

era qualquer um, mas um objeto que simboliza valores, mesmo que essas escolhas também se modifiquem posteriormente.

Ele também começou a jogar com o livro da Constituição segurando-o na altura do peito durante a roda. Segundo Orun, era para se lembrar de que não poderia ferir ninguém. Em um primeiro momento o “jogo com a constituição” remete a uma forma de lidar com a sua agressividade durante o jogo. Uma lei, que falta neste momento, é projetada e materializada no livro da “lei fundamental do Brasil”.

O livro da constituição também representa às falhas da constituição narcísica (FREUD, 1914), ou seja, da constituição psíquica que não se organizou segundo a lei que fundamenta o psiquismo.

Inicialmente, nos pródromos da crise, os jogos com a moeda e a constituição se configuram como tentativas de restabelecer a comunicação e a própria constituição egóica, que se perde com o “caos infinito<sup>3</sup>”. É uma forma de se reconectar com o seu corpo que é tomado por angústias relacionadas às fantasias e ao “pensar” ilimitado, onde a relação Eu-outro encontra-se prejudicada. Ele diz que precisa retomar o contato pelo corpo e pelo movimento, como forma de cura. Nesse sentido a capoeira vai se tornando uma nova forma de se comunicar.

### **A capoeira como uma “nova linguagem”: “lê, é hora é hora, camará”**

Orun chegou ao CAPS e começou a jogar capoeira com as pessoas, logo na recepção. Eu estava conduzindo um grupo de psicoterapia e pediram para me chamar. Assim que finalizamos o encontro do grupo eu fui ao seu encontro e ele estava conversando com algumas estudantes do CAPS. Ficou reticente e disse que eu demorei muito, mas o convenci a conversarmos um pouco no consultório. Depois de tentar dizer algumas coisas, que estavam confusas e delirantes, ele me pediu para que jogássemos um pouco de capoeira. Então fomos à sala de oficinas e jogamos, do jeito que ele pediu (em espelho). Por um momento ele se agachou e ficou tremendo e disse que havia pensado, por um instante, em dar um tapa em sua mãe. Logo em seguida

---

<sup>3</sup> Se relaciona ao que Freud (1914) denomina de “fantasia (ou auto percepção) de fim do mundo dos paranoicos” (p.12). Em outro momento ele descreveu que o caos infinito seria a eterna repetição de algo imperfeito. “Ciclo infinito e imperfeito do caos infinito”.

disse que precisava voltar para a consciência, pois o inconsciente estava dominando-o. Sugeri que respirasse e focasse apenas no jogo e no seu corpo presente. Ficamos mais alguns segundos e ele me pediu para que conversássemos novamente, pois havia se recomposto e estava consciente de novo. Me mostrou então um desenho e propôs alguns jogos que havia criado, com desenhos e criptografias que envolviam um livro da constituição e um de direito administrativo.

Em seguida, pediu para finalizarmos o encontro com outro jogo de capoeira na sala, onde propôs outra regra, onde um toque no corpo do outro, dependendo do local, desintegraria aquela função do corpo. Mas que o objetivo era desintegrar algum órgão do outro, pois “o órgão não poderia ser treinado como os músculos” (sic). Ele tocou o meu coração e venceu. Estava mais tranquilo após tudo isso e fomos embora mais uma vez.

Ele me mata no jogo, na brincadeira que propôs. Pôde ser criativo estando “dentro da lei” e das regras que inventou. As intensidades relacionadas a “fusão” entre amor e ódio e as fantasias parricidas encontram uma forma criativa nesse contexto. O desejo de matar a sua mãe é representado quando toca o meu coração no jogo de capoeira que fizemos, o que tem um efeito organizador em vista do gesto criado que continha a criptografia ou segredo.

### **Orun e os seus segredos no jogo: “Quem não pode com mandinga não carrega patuá”**

Na semana seguinte a essa intervenção individual, Orun cria diversos jogos, não muito bem explicados, pleno de mandingas e segredos que o ajudam a “vencer as lutas”. Mesmo diante das risadas das pessoas ele mantinha uma seriedade e assumia um dos seus personagens: “Orun, o incontestável e invencível”. Estava menos angustiado.

No fim de uma oficina retomou a questão do “caos infinito”. Em forma de “segredo”, revelou que o “caos infinito” surgia, a partir da “dialética entre o tudo e o nada”, de onde também surgiria Deus. Desse modo, o tudo e o nada produzem o caos que nunca se resolve e de onde surge Deus (decisão). Nesse momento ele se identifica com Deus, “o incontestável”, que busca por meio de rituais, colocar ordem no mundo. O desejo de se impor enquanto existência

passa pelo estágio de inflação do Eu e identificação com Deus, que domina os segredos.

### **Síntese do estudo de caso**

A organização transferencial se apresentou conjuntamente às simbolizações primárias produzidas pelo paciente. Foram construções que se manifestaram pela primeira vez em fantasias, ora com senso de humor, ora com bastante angústia, e que puderam ser comunicadas em contraste com os afetos confusos e dispersão transferencial. Isso o ajudou a lidar com o “caos infinito” durante a crise, bem como no momento mais depressivo que veio posteriormente pleno de reflexões sobre a necessidade de amadurecer e reorganizar a sua vida. Alguns meses depois ele trouxe conteúdos sobre preparações e transformações para a vida adulta.

A capoeira, para Orun, funcionou como um bom objeto mediador, na medida em que a ativação da sensorialidade permitiu sequências de associações sensório-motoras. Tais associações dizem respeito não apenas ao encadeamento e criação de gestos e movimentos, mas a todo processo de simbolização em uma sequência própria do seu percurso: corporeidade, ritmo, leis, referências, fantasias transferenciais. Ele vai do mais primitivo à organização das relações objetais, ou seja, a apropriação do próprio corpo permite a construção e elaboração de fantasias edípicas.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A oficina faz parte de vários outros dispositivos que estão na proposta de tratamento em um CAPS e a transferência primeira é com esta instituição. No entanto, a capoeira possui uma grande afinidade com essa clínica, pois remete constantemente ao território e à comunidade encontrando-se em harmonia com os princípios do cuidado por meio da reinserção social e do resgate da cidadania.

Desse modo, temos na capoeira o trabalho de continência por meio da roda, a criação do movimento em harmonia com o ritmo e os rituais, que se relacionam ao reconhecimento do sujeito enquanto pessoa da comunidade. São campos que se mostram bastante pertinentes no trabalho com psicóticos, subsidiando espaços de representações frente aos afetos difusos e angústias

impensáveis. Parafraseando Orun, “brincar de capoeira é um trabalho duro”. No estudo de caso, Orum evidencia um percurso interessante acerca da simbolização primária que aporta elementos relacionados a uma nova maneira de se perceber, se situar no mundo e inscrever-se em uma genealogia que traz a ancestralidade negra como algo central dos processos de simbolização individual.

## REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. *VI Congresso Português de Sociologia*. Lisboa, jun. 2008. Disponível em:

<http://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/111.pdf>

ALLOUCH, Éliane. Psychothérapie et médiations corporelles: vers une poétique du corps. *Le Carnet PSY*, 142(2), 27-30, 2014.

ARAÚJO, Rosângela Costa. *Iê, viva meu mestre - a Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/T.48.2017.tde-12052015-143733. Acesso em: 2021-03-17.

AULAGNIER, Piera. (1986). *La violence de l'interprétation*. Paris: PUF. (Obra original publicada em 1975).

BALESTRIÈRE, Lina. Le transfert psychotique et son maniement: comment figurer l'impensable. *Cahiers de psychologie clinique*, vol. 21, no. 2, pp. 73-81, 2003. Disponível em:

<https://www.cairn.info/revue-cahiers-de-psychologie-clinique-2003-2-page-73.htm>

BARBOSA, Wilson do Nascimento. *Ginga e cosmovisão*. In Barbosa, W. N. & Santos, J. R. *Atrás do muro da noite (Dinâmica das culturas afro-brasileiras)*. Brasília: MINC, Fundação Palmares, 1994.

BENISTE, JOSÉ. Òrun-Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-Yorubá entre o céu e a terra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BERTISSOLO, Guilherme. *Composição e Capoeira: Dinâmicas do compor entre música e movimento* (Tese de Doutorado em Música). Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

BLEGER, José. (1967). *Symbiose et ambiguïté*. (Trad. fr.). Paris: PUF, 1981.

BLEGER, José. *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. *Portaria Nº 336, de 19 de fevereiro de 2002*. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336\\_19\\_02\\_2002.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html)

BRUN, Anne. De la sensori-motricité à la symbolization dans le mediations thérapeutique pour enfants psychotiques. In: Brun, A. & Roussillon, R. *Formes primaires de symbolization*. Paris: Dunod, 2014.

CARVALHO JÚNIOR, Antônio Carlos Nunes de. **Psicose, corpo e capoeira: um estudo teórico-clínico**. 2019. 196 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

COSTA, Ileno Izídio. Adolescência e primeira crise psicótica: problematizando a continuidade entre o sofrimento normal e o psíquico grave, 2006. Disponível em: [http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/ii\\_congresso\\_internacional/mesas\\_redondas/ii\\_con.adolescencia\\_e\\_primeira\\_crise\\_psicotica.pdf](http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/ii_congresso_internacional/mesas_redondas/ii_con.adolescencia_e_primeira_crise_psicotica.pdf)

DOWNEY, Greg. Listening to Capoeira: Phenomenology, Embodiment, and the Materiality of Music. *Ethnomusicology*, v. 46, n. 3, pp. 487-509. Published by: University of Illinois Press on behalf of Society for Ethnomusicology, 2002.

ENRIQUEZ, Eugène. O trabalho de morte nas instituições. In Kaes, R.; Bleger, J.; Enriquez, E; Fornari, F.; Fustier, P.; Roussillon, R.; Vidal, P. (Orgs.). *A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Ludicidade, Jogo, Trabalho e Formação Humana: elementos para a formulação das bases teóricas da “Ludocapoeira”. *Revista Educação e Ludicidade: Ensaios 02*. UFBA, GEPEL. Salvador, p. 92-127, 2002.

FERENCZI, Sándor. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. In: S. Ferenczi. *Obras completas. Psicanálise IV* (pp. 111-135). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1933).

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2019 (Orig. 1900).

FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (dementia paranoides) relatado em autobiografia*. In: Obras completas de Sigmund Freud, v. 10.. São Paulo: Cia das Letras, 2011 (Orig. 1911).

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo. In Obras completas de Sigmund Freud. V. 11. São Paulo: Cia das Letras, 2011,(Orig. 1914).

FREUD, Sigmund. *Neurose e Psicose*. In: Obras completas de Sigmund Freud. V. 16. São Paulo: Cia das Letras, 2011 (Orig. 1924).

GUERRA, Andréa Máris Campos. *Oficinas em Saúde Mental: Percurso de uma História, Fundamentos de uma Prática*. In: Costa, C. & Figueiredo, A. C. (Orgs.). *Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental - Sujeito, Produção e Cidadania*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004, p. 23-58.

JAQUES, ELLIOTT. (1955). Os sistemas sociais como defesa contra a ansiedade persecutória e depressiva. In Kyrle, M.; Heimann, P.; Klein, M. (Org.). *Temas de psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1969.

LANCETTI, Antonio. Clínica grupal com psicóticos: a grupalidade que os especialistas não entendem. In: *Lancetti, Antonio. Saúdeloucura, 4. São Paulo, HUCITEC, 1993. p.155-71.*

LANCETTI, Antonio. *Clínica peripatética*. São Paulo: Hucitec, 2006.

LEAL, Erotildes Maria; DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. *Clínica e cotidiano: o CAPS como dispositivo de desinstitucionalização*. In: Pinheiro R., Guljor A.P., Silva Jr. A.G., Mattos R.A. (Orgs.). *Desinstitucionalização da saúde mental: contribuições para estudos avaliativos*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ABRASCO; 2007. p. 137-54.

LECOURT, Édith. Le son et la musique: intrusion ou médiation? In A. Brun (Org.). *Les médiations thérapeutiques*. Toulouse: Editions Érès, 2014.

MALDINEY, Henry. *L'esthétique des rythmes*. In: Maldiney, H. *Regard, Parole, Espace* (pp. 147-172). Lausanne: L'Âge d'Homme, 1973.

MATA MACHADO, Sara Abreu; ARAÚJO, Janja. *Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora*. Horizontes, v. 33, n. 2, 20 dez. 2015.

MARTINS, Francisco Moacir de Melo Catunda. O Ordálio na Psicose. *Cadernos de Psicologia da UFMG*, Belo Horizonte-MG, v. 6, n. 1, 1995, pp. 63-78.

- MINKOWSKI, Eugène. (2000). Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto pático da existência). *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 3(4), pp. 156-164, 1968.
- MINKOWSKI, Eugène. (1997). *La schizophrénie: psychopathologie des schizoïdes et des schizophrènes*. Paris: Éditions Payot & Rivages, (Orig. 1927).
- OLIVEIRA, E. Capoeira e Filosofia. In Freitas, J. M. *Uma coleção biográfica. Os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no museu afro-brasileiro da UFBA*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- OURY, Jean. *Transfert et espace du dire*. Texte publié dans L'information psychiatrique, 59, 3, 1983.
- OURY, Jean. *Le collectif: Séminaire de Sainte-Anne*. Paris: Editions du Scarabée, 1986.
- OURY, Jean. *Le pré-pático et le tailler de pierre, les enjeux du sensible*. Chimères, 40, 2000.
- OURY, Jean. Transfert, multiréférentialité et vie quotidienne dans l'approche thérapeutique de la psychose. *Cahiers de psychologie clinique*, 21(2), pp. 155-165, 2003.
- PASSOS NETO, Nestor Sezefredo. *Capoeira - Pequeno manual do jogador*. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 1999.
- PERES, Francine Simões. *O brincar e a capoeira: um olhar winnicottiano*. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 1999.
- REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.
- ROUSSILLON, René. *Logique et archéologiques du cadre psychanalytique*. Paris: Presses Universitaire de France, 1995.
- ROUSSILLON, René. Le travail de symbolisation. In *Manual de Pratique Clinique*. Paris: Elsevier Masson, 2012.
- ROUSSILLON, René. Théorie du dispositif clinique. In *Manuel de la pratique clinique en psychologie et psychopathologie*. Paris: Elsevier Masson, 2014a.
- ROUSSILLON, René. Les questions du dispositif clinique. In *Manuel de la pratique clinique en psychologie et psychopathologie*. Paris: Elsevier Masson, 2014b.
- ROUSSILLON, René. A função simbolizante. *Jornal de Psicanálise*, 48 (89), pp. 257-286, 2015.
- SCHOTTE, Jacques. *Une pensée du Clinique, l'oeuvre de V. von Weizsäcke*. Séminaire inédit, Photocopié disponible à l'Université de Louvain-la-Neuve, 1984-1985.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida; por um conceito de cultura no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988a. 214p.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988b.

SODRÉ, Muniz. *Cultura, corpo e afeto*. Dança, Salvador, v. 3, n. 1, p. 10-20, jan./jul. 2014.

TENÓRIO, Fernando. *A psicanálise e a clínica da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa – Definição e Principais Características*. Revista Portuguesa de Psicossomática, 2 (1), pp. 93-108, 2000.

UNICEUB, Agência de Notícias. *Capoeira no CAPS do Paranoá-DF*, 12 de Dez, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q9bnAZOqmLI&t=9s>.

VITTA, Adriana Renna de. *O grupo e a psicose: articulações sobre a direção do tratamento*. CliniCAPS, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. x, ago. 2008.

Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-6007200800200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-6007200800200004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 17 mar. 2021.

WINNICOTT, Donald Woods. (1982). *Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico*. In *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise*. (pp. 459-481). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1954-1955.

WINNICOTT, Donald Woods. (2000). *Psicose e cuidados maternos*. In D. W. Winnicott (Org.). *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 305-315). Rio de Janeiro: Imago, 1952.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

ZONZON, Christine Nicole. *Nas pequenas e nas grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição*. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)—Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.